

Quero ser um herói quando crescer

A complexidade na temática nos filmes de super-heróis demonstra uma maturidade do seu público ou é apenas um chamariz?

As produções de filmes de super-heróis marcaram o cinema na última década. Principalmente pelos filmes da Marvel, a cultura pop foi tomada por uma enxurrada de personagens de histórias em quadrinho indo para as telonas e criando séries, games e merchandising. Com o passar do tempo, a narrativa dos filmes foi mudando de tom: em vez do bem vencer o mal e fim da história, os vilões se tornaram mais compreensíveis em seus motivos, os mocinhos passaram a ser mais falhos e o conflito faz alusões ao mundo real. Além disso, temas como racismo, extremismo, crise ambiental, entre outros problemas da vida real passaram a entrar nas tramas - uma maneira não sutil de dizer que os heróis estão enfrentando problemas maiores do que os vilões. Em outras palavras, salvar o mundo não é mais o suficiente para os fãs.

A princípio, parece ser um sinal de amadurecimento das histórias acompanhando um público que cresceu vendo o primeiro filme do Homem de Ferro até o último filme dos Vingadores. Isso tem precedentes, como as HQs do Batman dos anos 1950, com o tom mais infantil e cômico, para o sombrio e sério de “The Dark Knight Returns”, de Frank Miller, em 1986. Sem deixar de mencionar a “Piada Mortal”, outra história do Batman, e “Old Man Logan”, da Marvel sobre o anti-herói Wolverine. Entretanto, os temas abordados nos filmes raramente chegam a comentar questões que não estejam relacionadas ao público juvenil. Descobrimento, pertencimento, superação são aspectos que acompanham nossas vidas, mas estão mais ligados à vida de um adolescente. Por isso, as inseguranças retratadas pelos protagonistas são de uma pessoa transitando da adolescência à vida adulta e, assim, dialogando diretamente com uma audiência imatura e perpetuando o gênero como infantil.

Agora, quando os filmes abordam questões complexas como a crise ambiental, discursos de ódio ou ideologias fundamentalistas, essas questões servem como “ganchos” para a audiência ilustrar o conflito, não razões para lidar com o conflito. Exemplo: “Homem-Aranha: De Volta ao Lar” tem como motivo o “Abutre” ter se tornado um vilão porque perdeu seu emprego para uma grande corporação, as Indústrias Stark, e não ter mais como sustentar sua família, aludindo à crise de desemprego no mundo. Embora tenha tornado o personagem mais simpático ao público, a moralidade do problema não é discutida em troca de mais cenas de ação e na luta entre o herói e o vilão.

Um outro exemplo é o filme “Capitão América: Guerra Civil”, a narrativa consegue se dissociar da inspiração para sua versão original, a HQ “Guerra Civil”. A saga da Marvel “Guerra Civil” é sobre uma mudança radical na comunidade de heróis após

uma tragédia nacional, uma trama inspirada nos acontecimentos do 11 de setembro nos EUA e no Patriot Act de George Bush em 2001. Pequenos detalhes foram adaptados para o cinema, a trama foi direcionada mais para falta de diálogo entre os protagonistas e o marketing do filme mais focado na “polarização” dos personagens (Team Captain vs Team Iron Man) do que a crítica original da HQ e o paralelo da época.

Não é uma questão dos roteiristas mudarem o tom ou do público mais velho querer profundidade nos filmes de super-heróis que irão alterar algumas coisas porque isto é, afinal, um produto de entretenimento para uma audiência jovem. Certos produtos irão tentar alcançar públicos mais velhos, mas com o propósito de fazê-los consumir a linha principal. No final das contas, pequenas mudanças serão feitas para agradar um público que exige melhor qualidade nos filmes, mas sempre terá como missão agradar o sonho juvenil de que todo mundo queria ser um super-herói.